

Abolição: linguagem didática e prolixa

SERGIO BAZI

O prólogo de **Abolição** dá a impressão de que Zózimo Bulbul, em sua estréia como diretor de longa-metragem, procurou fugir das convenções do documentário. Depois de uma sucessão de gravuras e fotografias mostradas como flashes de história do negro no Brasil pré-abolição, vemos a equipe de filmagem com as câmeras, refletores e gravadores. Depois há a assinatura da Lei Aurea com a atriz Camila Amado no papel da Princesa Isabel. Corte para o Sambódromo, onde a raça negra tem momentos de glória e apoteose. Combinando ficção e documentário, Bulbul — que também é responsável pelos trabalhos de pesquisa e roteirização — investe da invenção e originalidade, focalizando a cultura afro-brasileira e a situação do negro pós-abolição da escravidão com intenções ao mesmo tempo épicas e didáticas.

Infelizmente, ao longo da projeção, o didatismo acaba prevalecendo. E o resultado é apenas mais um documentário dos mais tradicionais em que a linguagem cinematográfica é apenas veiculado para que o diretor pretendesse transmitir. "Meu Deus, nada mudou nesse país", exclama a certa altura a deputada petista Benedita da Silva num décor digno do **Bom Dia, Brasil**, da Rede Globo. O filme se sustenta basicamente nos vários depoimentos de artistas, historiadores, militantes, atletas etc. Só que os depoentes praticamente repetem as mesmas idéias com palavras diferentes. Dizem, em resumo, que um século depois da abolição, a situação do negro brasileiro continua na mesma. O que não deixa de ser uma simplificação, para dizer o mínimo.

Abolição fica mais na questão do racismo da sociedade brasileira. A contribuição do negro à cultura brasileira acaba ocupando pouco espaço. O filme não vai muito além do samba, da capoeira e dos rituais que os negros trouxeram da África, e mesmo assim com muita parcimônia. Bulbul dá mais importância às mulatas "tipo exportação" do Oba-Obá do que à umbanda e ao candomblé. E desperdiça a oportunidade de oferecer à cultura afro-brasileira o espetáculo épico que ela fez por merecer. Também musicalmente o filme deixa a desejar. Sua trilha sonora não incorporou pra valer a riqueza melódica da cultura afro-brasileira e, não raro, resvala para o facilitário da **muzak**. O que é lamentável.

Prolixo, redundante e por vezes monótono, **Abolição** chega a desviar de seu assunto, incluindo a questão do indígena e do camponês sem fazer a devida interligação temática. O filme também é dispersivo quando tenta focalizar a presença do negro em acontecimentos históricos como a Revolução de 30 e a recente ditadura militar — quando, a julgar pelas imagens apresentadas, o esquadrão da morte funcionou como instrumento para a eliminação dos negros, os marginais por excelência da sociedade brasileira.

O filme é redundante sobretudo porque usa a imagem para ilustrar sua tese central de que o negro brasileiro ainda não se libertou da escravidão. Essa falta de sutileza pode ser exemplificada na sequência filmada na praia de Ipanema. Bulbul parece estar dizendo: vejam só, no Brasil o negro só vai à praia para trabalhar, servindo aos brancos estatelados na areia.